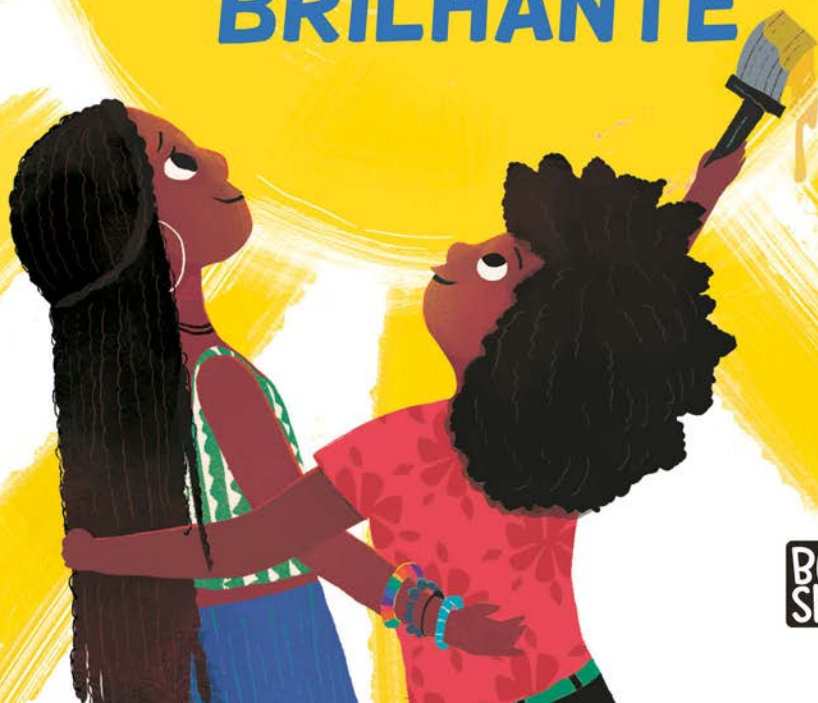


Do autor de *Eu, o Meu Pai e o Fim do Arco-íris*

BENJAMIN DEAN

**UM
PLANO
SEGRETO
BRILHANTE**



**BOOK
SMILE**



*Para a Mãe, a Avó e a Ellie, por trazerem sempre
brilho à minha vida.*



CAPÍTULO 1

AS CORES NO FIM DO ARCO-ÍRIS

Bem, antes de começarmos, há uma coisa importante que tenho de te dizer — já estive no fim do arco-íris. Pronto, sim, sei que isto parece inacreditável e que ainda não tens razões para confiar em mim, mas é verdade! De acordo com os cientistas e, tu sabes, as pessoas inteligentes, é claro que o fim do arco-íris não existe *realmente*. Toda a gente o sabe, certo? Já todos tentámos procurar o tal pote de ouro, mas, por mais depressa que corramos em direção a ele, o arco-íris parece nunca se aproximar. Parece que não passa de uma ilusão ótica, uma coisa que não existe de facto.

Mas existe. Eu sei que o fim do arco-íris existe porque eu própria já lá estive, e nem sequer tive de ir muito longe para o encontrar — foi apenas uma viagem rápida de metro na linha Victoria, até ao centro de Londres. Acho que os cientistas não se lembraram

de o procurar por lá, mas estive sempre debaixo dos narizes deles.

Na verdade, o fim do arco-íris existe em todo o mundo, em pequenas bolsas de cor que aparecem em curtos espaços de tempo, uma vez por ano, antes de voltarem a desaparecer. As pessoas entendidas no assunto viajam para estes lugares especiais e celebram a descoberta umas com as outras. É um sítio feliz. Um sítio onde nos sentimos sãos e salvos, e, por lá, de alguma forma, podemos sentir-nos normais e extraordinários ao mesmo tempo.

Pronto, vou deixar de lhe chamar o fim do arco-íris e passar a tratá-lo pelo nome verdadeiro, para que as coisas não se tornem demasiado confusas. Este sítio chama-se Marcha do Orgulho. Não quero ser tendenciosa, mas é capaz de ser o meu sítio preferido no mundo (e digo-o como alguém que já foi ao parque de diversões quatro vezes numas férias de verão). É que a Marcha do Orgulho tem uma magia, é qualquer coisa que não se consegue explicar ou descrever, mas que é preciso *sentir* para compreender. Claro que essa magia não dura para sempre — sei-o agora, depois de tudo —, mas, mesmo que seja só por um instante, a Marcha do Orgulho pode levar as pessoas a sentir que não estão sozinhas no mundo.

A minha irmã mais velha, a Riley, era uma dessas pessoas. Agora tem 16 anos, mas já sabia que gostava de raparigas muito antes disso. Só que não disse

a ninguém, guardou segredo. Eu reparei que se passava qualquer coisa — ela é a minha irmã mais velha, e a minha função é, basicamente, reparar. Não era como se estivesse de mau humor ou algo do género; era mais como se se fechasse em si mesma, como se estivesse a tentar esconder algo de nós. Se perguntássemos o que se passava, encolhia os ombros e murmurava que não era nada, ou, pior, passava-se e dizia-nos que a deixássemos em paz. E quando se sentiu preparada, abriu a porta e deixou-nos entrar.

— Acho que gosto de raparigas — desabafou a Riley à mesa de jantar, uma noite. Os olhos dela arregalaram-se quando as palavras se escaparam cá para fora, a flutuar para longe do alcance, para não poderem ser retiradas.

A mãe e o pai pareceram surpreendidos, mas acho que foi só porque tínhamos estado a falar do facto de o Sr. Eddington, do número 72, ter começado a abrir as cortinas tendo apenas as cuecas vestidas, e a mãe estava a pensar na melhor maneira de lhe dizer que, pronto, que deixasse de fazer aquilo.

— Oh, querida... Não é uma coisa de que te devas envergonhar — declarou a mãe, enquanto pegava na mão da Riley, com todos os pensamentos sobre o Sr. Eddington e as suas cuecas esquecidos.

— Nada mesmo — acrescentou o pai, sempre a apoiar a mãe. — Não te torna nada diferente de qualquer outra pessoa.

A mãe ficou a pensar em alguma coisa naquele breve silêncio. Eu não sabia bem o que devia fazer naquela situação, por isso aproveitei a oportunidade para apanhar a última batata assada do meio da mesa. Estava a travar uma batalha com a tampa do frasco do *ketchup* (não franzas a testa, mergulhar batatas assadas em *ketchup* é a *única* forma de as comer) quando a mãe se virou para mim.

— Bea, dá-nos um minuto? — perguntou, com delicadeza. Achei que era injusto, tendo em conta que ainda não tinha acabado o meu jantar, e também porque não queria ser deixada de fora da conversa dos crescidos. A Riley ainda nem sequer era tecnicamente adulta!

Resmunguei e amuei e acabei por me sentar no cantinho, sob as escadas, a ouvir a conversa em voz baixa que agora decorria sem mim. Eu não sabia bem o que aquilo significava. Tudo o que percebi foi que a Riley tinha um fraquinho por uma rapariga da escola, e a mãe disse que era bom que ela se sentisse à vontade para desabafar e falar com eles sobre isso. A mãe sempre deixou claro que podemos falar com ela e com o pai sobre qualquer coisa (embora isto não seja bem verdade, porque quando confessei que tinha sido eu a substituir o açúcar pelo sal, fiquei de castigo durante uma semana).

Quando a Riley se livrou do segredo, tornou-se muito mais ela própria. Ninguém falou do assunto durante

cerca de uma semana e, para ser sincera, esqueci-me completamente disso até a mãe e o pai nos chamarem lá abaixo para uma conversa. Este tipo de conversas, em que íamos ter com a mãe e o pai à mesa da cozinha, nunca trazia boas notícias. Normalmente era do género: «Este fim de semana vamos limpar a casa toda, por isso não façam planos», ou algo igualmente terrível. Mas daquela vez foi diferente. Estavam sentados na cozinha, com um portátil no meio deles, e foi então que nos falaram da Marcha do Orgulho de Londres.

— Estivemos a pensar no que nos contaste na outra noite e se havia alguma coisa que pudéssemos fazer para te sentires mais confortável — disse a mãe à Riley. — Não acredito que não tenhamos pensado logo nisto. O Rue está sempre a falar nisto todos os verões, e lembrei-me que é aqui mesmo ao pé de nós. Na verdade, a próxima é daqui a duas semanas!

Pegou no portátil e rodou-o para que pudéssemos ver do que estava a falar. Na parte de cima do ecrã estavam as palavras «MARCHA DO ORGULHO LGBTQ+» em bolas coloridas e, por baixo, um monte de fotografias com arcos-íris e explosões de *confetti*. Era uma Londres como eu nunca tinha visto, cheia de cor, como um dos quadros da minha mãe.

— O que é? — perguntei, com os olhos a regalarm-se perante as fotografias.

— É uma espécie de desfile, suponho, com marchas, carros alegóricos e música — respondeu o pai,

com os olhos escuros a brilhar. Eu sabia que ele estava a pensar em envergonhar-nos com os seus passos de dança. Apesar de ser um pouco descoordenado, adorava dançar. Fazia a mãe rir. Fazia-me a mim e à Riley resmungar.

A mãe assentiu.

— O Rue e o Travis vão todos os anos. Eles adoram.

O Rue era o melhor amigo da mãe desde a universidade, o Travis era o marido dele, e eu conhecia-os basicamente desde sempre. Os três eram «unha com carne», segundo o pai. Partilhavam um estúdio onde pintavam e coscuvilhavam, mas o Travis dizia sempre que a mãe e o Rue faziam mais uma coisa do que a outra.

— O que é LGBTQ?

Pus-me a pensar em voz alta, ao ler os balões de texto no ecrã do portátil e ao olhar para a fotografia de uma mulher que tinha decorado a sua cadeira de rodas com serpentinhas com as cores do arco-íris. Agitava uma bandeira acima da cabeça e ria-se.

— Lésbicas, gays, bissexuais, transgénero e queer — explicou a mãe sem hesitar. — O Rue e o Travis, por exemplo, são gays e fazem parte da comunidade. E agora a tua irmã também. — A mãe sorriu à Riley e deu-lhe um apertão. — Por isso, achei que podíamos ir.

A boca da Riley abriu-se ligeiramente.

— Vamos à Marcha do Orgulho? — sussurrou.

O pai sorriu.

— Sim. Achámos que seria bom para ti estares com outras pessoas que também fazem parte da comunidade. Acho que vai ser um dia ótimo para todos. — Fez uma pausa ao ver a expressão da Riley, que estava indecisa entre mais do que uma emoção. — Isto é, se quiseres ir...

Sem mais uma palavra, a Riley levantou-se e abraçou o pai e a mãe com um gritinho.

— *Claro* que quero ir!

E assim ficou decidido. Num fim de semana cheio de sol, em julho, acordámos cedo, vestimos coisas brilhantes — eu vesti uma camisola de manga curta que dizia: «A minha irmã é lésbica, aguenta-te» (um presente do Rue) — e apanhámos o metro até ao centro de Londres. Foi um dia que nunca hei de esquecer, sobretudo porque a Riley insistiu em tirar fotografias de tudo, literalmente. Mal chegámos, vimos pessoas por todo o lado, vestidas com todas as cores do arco-íris e com purpurinas e brilhos suficientes para cobrir todos os passeios da cidade. Havia bancas a vender bandeiras com as cores do arco-íris e, obviamente, também muita música, com dançarinos e cantores a festejar em cada esquina. E, claro, a marcha propriamente dita.

Conseguimos espremer-nos contra a barreira, cercados de todos os lados por pessoas com sorrisos estampados nos rostos enquanto esticavam os pescoços para vislumbrar os carros alegóricos e os camiões que passavam lentamente, com música a tocar e gente

a rodopiar a bordo. Num deles, um grupo de pessoas com plumas elaboradas que se erguiam bem alto acima das cabeças apitavam e dançavam numa sintonia perfeita. Por um breve segundo, pareceu-me ver um miúdo, não muito mais velho do que eu, no meio daquilo tudo, com os óculos empoleirados na ponta do nariz e um olhar de perplexidade gravado na cara, ao mesmo tempo que tentava acompanhar os passos de dança. Mas as penas depressa mo esconderam da vista e comecei a achar que devia ter sido apenas fruto da minha imaginação.

Cada carro alegórico era, de alguma forma, mais majestoso do que o anterior. A mãe não conseguia parar de admirar cada maravilha que passava, e eu sabia que ela estava a tomar notas mentais para uma nova pintura quando chegássemos a casa. O pai, por sua vez, estava particularmente interessado num grupo de pessoas com perucas que se elevavam como bolos em camadas. As caras delas pareciam ter sido pintadas pela mãe com um dos seus pincéis, com a cor a varrer as maçãs do rosto e as pálpebras num floreado. É claro que, assim que o pai os viu a dançar juntos, decidi que era essa a sua vocação e saltou a vedação para se juntar a eles com uma série de movimentos que só posso presumir que fazia para me envergonhar, a mim e à Riley.

Mas era a minha irmã a mais feliz de todos. Enquanto assistíamos, hora após hora, ao desenrolar de

tudo numa erupção de vivas e festejos, a Riley era capaz de ser a pessoa mais feliz do mundo.

— Não é o *máximo*? — exclamou ela mais tarde, quando nos sentámos na esquina de uma rua mais calma, à espera de que a mãe e o pai nos fossem buscar água a uma loja. Estávamos num daqueles momentos de calma de um dia de verão, em que o Sol começa a cair no céu e banha tudo o que toca com uma luz dourada. O ar estava um pouco mais fresco, envolto num entusiasmo que não esmorecia, a possibilidade de outra aventura estar mesmo ao virar da esquina, de o dia ainda não ter terminado.

— Não quero que isto acabe — acrescentou a Riley, sonhadora, com um sorriso vago a aquecer-lhe o rosto.

— Já me apetece repetir — concordei. Como eu disse, foi ainda melhor do que a adrenalina do parque de diversões.

— Todas estas pessoas aqui são como eu, de certa forma. Todo este sítio é como se fosse... como se fosse a minha casa — declarou a Riley, maravilhada. Olhei para a minha irmã, com o coração em disparada, como tenho a certeza de que o dela também estava. Era isso que a Marcha do Orgulho era para a minha irmã. Uma casa.

— Cor? — perguntei, ao dar-lhe um toque com o cotovelo. Sabes aquelas alturas em que não consegues encontrar as palavras certas para descrever um sentimento? Pode estar mesmo ali, à flor da pele, ou a percorrer-nos o corpo de tal forma que nos sentimos leves e zonzos,

mas não somos capazes de encontrar as palavras para o explicar a outra pessoa? Bem, a mãe sempre foi inflexível quanto ao facto de devermos ser capazes de falar sobre os nossos sentimentos em voz alta.

«Mantê-los fechados cá dentro não é bom para ninguém», dizia. Por isso, encorajava-nos a pensar numa cor. A princípio parecia um pouco disparatado, mas depois a mãe mostrava-nos os remoinhos de tinta na sua paleta, e aquilo fazia todo o sentido. Algumas cores são mais alegres do que outras, ou mais vibrantes e animadas. O amarelo, por exemplo, ou um azul-clarinho, como a cor de um céu limpo de verão. Depois há as mais temperamentais, como um roxo-escuro que seja quase preto. Se queres saber, para mim essa é a cor mais mal-humorada de todas.

A Riley pensou na questão, com um sorriso ainda maior, que se estendia de orelha a orelha enquanto me punha um braço à volta dos ombros.

— Todas — disse. — Sinto todas as cores do arco-íris.

Isto foi no verão passado, antes de tudo o resto acontecer e quando o pai ainda estava connosco. Ele estava doente há algum tempo. Eu sabia que era grave, porque a mãe e o pai se sentaram connosco para nos contar. Houve muitas lágrimas e promessas de que o pai era um lutador e que se alguém podia ficar melhor, era ele. E depois, um dia, desapareceu. Eu não compreendia como é que alguém podia estar aqui

num momento e desaparecer no momento seguinte. Na verdade, continuo a não entender. Acho que sempre tivemos esperança de que tudo acabasse por ficar bem, um pequeno fogo aceso em cada uma de nós, que nos aquecia os pensamentos mais frios e nos dava luz na escuridão.

Desde então, tudo tem sido cinzento, sem cor, de certa forma. Suponho que é por isso que a Marcha do Orgulho é agora tão especial para mim — para todas nós. Foi o nosso último dia em família, e a memória não me sai da cabeça, repleta de todas as cores do arco-íris. Cores que não conseguimos recuperar desde esse dia.

E acho que é aí que começa a nossa história. Houve muitas coisas que mudaram depois da morte do pai, mas uma das maiores mudanças de todas estava escondida ao virar da esquina.



CAPÍTULO 2

A LENDÁRIA LUTA DE COMIDA

UM ANO DEPOIS

— BAIXA-TE!!!!

O aviso do Lucas sobressaiu no barulho do refeitório da Escola de King's Garden. Eu não sabia do que me estava a esquivar, mas se o teu melhor amigo grita «BAIXA-TE», não te sentas e esperas ser atingida na cara por uma bola de futebol ou o que quer que esteja a voar na tua direção. Os meus joelhos bateram no chão e eu desapareci debaixo da mesa em que tínhamos estado sentados, quando um quadrado perfeito de bolo colidiu contra o vidro da janela com um baque surdo, exatamente onde a minha cabeça estava antes. Um rugido de festejo irrompeu do outro lado da cantina.

— Luta de comida? Era esse o grande segredo? —
O Lucas espreitou por detrás da perna da mesa, com os

olhos castanho-escuros, como os meus, a percorrer a cantina enquanto um sorriso malandro lhe iluminava a cara. Éramos melhores amigos desde o primeiro dia do terceiro ano e eu sabia que aquele sorriso era sinónimo de sarilhos, algo em que o Lucas estava sempre pronto a meter-se. — Podemos ficar de castigo no último dia de aulas?

— Porque é que temos de desperdiçar uma boa sobremesa? — Suspirei e tirei a mão de debaixo da mesa para que fosse em busca do meu próprio prato de bolo, que tinha deixado para trás. — Não podiam ter servido aquele outro bolo com passas? — Dei uma dentada rápida, suspirei mais uma vez e fiquei ali com o resto, a fazer uma ligeira careta quando o vi esmagar-se na palma da minha mão. — Caro Deus, por favor, olha por este bolo enquanto ele inicia a sua viagem em direcção à cara do Quentin.

— Amém! — respondeu o Lucas, como se fosse o coro.

Normalmente, não recomendaria a um aluno do 6.º ano que comesse uma luta com alguém do 10.º ano, mas hoje as regras estavam claramente a ser ignoradas. E, além disso, o Quentin é que tinha começado por nos atirar o bolo dele. A sorrir, dei um salto e lancei o meu na direcção do nosso atacante, soltando um grito de guerra, que rapidamente se transformou em alegria quando a fatia encontrou o seu alvo. Infelizmente, a minha celebração não durou muito.

— A minha mãe vai-me matar — exclamei, e voltei a esconder-me debaixo da mesa, com uma mancha de *ketchup* a pingar do colarinho da camisa. — Tenho no cabelo? Por amor de DEUS, diz-me que não tenho no cabelo. Só o lavei ontem à noite!

Um grupo de alunos do 10.º ano festejava o seu sucesso, não notando o grupo de alunos do 8.º ano que se aproximava com tigelas de batatas fritas encharcadas de *ketchup* e de morangos amassados. O ataque foi rápido e, poucos segundos depois, os que tinham estado a festejar pareciam ter perdido uma luta contra palhaços. O pobre do Robbie Bratley, o delegado do 10.º ano, que estava a tentar acalmar o caos, parecia agora saído de uma experiência de pintura facial feita às escuras.

E assim começou o pandemónio a sério. Os gritos começaram a vir de todo o lado, à medida que as pessoas se foram apercebendo do que estava a acontecer. Era uma tradição em que até alguns professores participavam — os alunos do 10º ano, para celebrarem o facto de estarem no secundário, estavam encarregados de levar a cabo uma partida que King's Garden não esquecesse. Era como deixar a sua marca na escola, e toda a gente queria participar.

— FOGO!!!! — gritou o Lucas, saindo de debaixo da mesa com um punhado de batatas fritas e o cabelo encaracolado a esvoaçar. Lançou-as com força e sem direção. As batatas esborracharam-se contra a parede, a um metro e meio da pessoa mais próxima.

— Bom lançamento — elogiei, a sorrir, enquanto atirava os restos das ervilhas na direção de um aluno do 7.º ano que tinha furado a fila à minha frente para entrar no refeitório.

Voava comida por todo o lado, a ementa do dia viajava pelo ar e atingia qualquer pessoa que não estivesse abrigada. Os auxiliares do refeitório tentavam impedir a luta e agitavam os braços no ar como se isso pudesse parar uma autêntica batalha. A professora Anderson, que sempre fora das mais calmas, desistiu por completo e escondeu-se atrás do balcão da cozinha. Não conseguia ter a certeza, mas quando ela espreitou da esquina, era capaz de jurar que a vi dizer «boa pontaria», quando a Polly Draper acertou no peito do Bob Mauzão com uma bola de gelatina.

O Lucas largou a correr para ajudar a emboscar a equipa de futebol, uma vingança que parecia ser pessoal, tendo em conta que ele não passara nos testes de admissão do ano anterior. Eu, por outro lado, estava à procura de um alvo muito específico, mas não via a minha irmã em lado nenhum.

— Andas à procura de alguém? — Uma sensação de calor percorreu-me as costas. Gritei, mas já foi tarde: a Riley estava de pé com uma tigela vazia na mão e com a melhor amiga, a Elmina, a rir-se ao lado dela. O leite-creme já me estava a ensopar a camisa. — Eu disse-te para não usares coisas que pudesses querer voltar a vestir — disse a Riley, com um sorriso. Sendo

aluna do 10.º ano, sabia qual era a partida e passara semanas a recusar-se a contar-me, o que me ofendeu bastante.

Mas a alegria da Riley durou pouco, depois de ver a taça de gelatina que eu tinha na mão.

— Não te *atreverias* — disse, levantando um prato de batatas fritas esquecido numa mesa próxima.

— Ai não?

Levantámos as nossas armas ao mesmo tempo, desafiando a outra a disparar primeiro, mas eu não precisei de mais encorajamento. Puxei a gelatina atrás, fiz pontaria e...

— PAREM COM ISSO! AGORA! — gritou uma voz severa, ecoando pela cantina e estacando toda a gente no lugar onde estava.

— Que RAIO se passa aqui?!

O professor Hudson costumava ser animado e alegre, mas, naquele preciso momento, estava vermelho de raiva. Eu tentava ao máximo não me rir, mas conseguia sentir as bochechas a deixar transbordar o riso. O Lucas estava praticamente a vibrar com risos incontidos ao meu lado, o que tornava tudo dez vezes mais difícil de controlar.

Acho que o professor Hudson devia estar à espera de explicações ou de pedidos de desculpas. Ou talvez estivesse à espera de que um exército de esfregonas saísse do armário para as nossas mãos, de forma que a missão de limpeza pudesse começar. Mas o que ele

recebeu, na verdade... bem, acho que não era o que ele queria.

Quase pareceu acontecer em câmara lenta. O professor Hudson nem a viu chegar. Mas o resto do pessoal viu a gelatina a voar pelo ar como se tivesse asas. Houve um estertor coletivo quando percebermos que ia lá chegar. E depois... *SPLASH!* Atingiu o professor Hudson em cheio na cara, gotas de gelatina a explodir em todas as direções. Não pude deixar de pensar que, pelo menos, era de morango.

O professor Hudson nem sequer pestanejou. Ficou imóvel como uma estátua, com a cara cor-de-rosa por causa da máscara de gelatina. Um silêncio assustador caiu sobre o refeitório. Por um momento, pensei que o tempo tinha parado.

— Quem?... — conseguiu perguntar o professor Hudson. Os olhos dele percorreram-nos a todos, concentrando-se nos culpados mais prováveis.

— Aposto dez libras em como foi o Bob Mauzão — sussurrou o Lucas. Fiquei a pensar nisso. O Bob era, de facto, a melhor aposta. Não o tratávamos assim por acaso. Certa vez, atirou o estojo do professor Waters pela janela porque este disse que o desenho que ele tinha feito de um animal de quinta parecia um autorretrato.

Contudo, antes que eu pudesse fazer a minha própria aposta, a nossa vice-diretora, a professora Moody, deu um passo em frente.

— Fui eu — declarou com firmeza. O meu espanto foi engolido pelo silêncio coletivo que se abateu sobre o refeitório.

O professor Hudson pestanejou várias vezes, em choque, com os lábios a entreabrir-se antes de se voltarem a juntar numa linha sombria. Tenho a certeza de que não fui a única a sustentar a respiração. Parecia que toda a sala estava de olhos arregalados a assistir. O professor Hudson anuiu uma vez, para si mesmo, e eu fiquei à espera de ouvir o martelo bater. De certeza que a professora Moody ia ser despedida... mesmo ali.

Mas, em vez disso, aconteceu algo muito diferente, algo que nenhum de nós previu. O diretor da escola suspirou, pegou numa tigela de sobremesa e atirou o seu conteúdo à professora Moody. Fez pontaria mesmo à blusa florida da professora.

— Acho que assim estamos quites, professora Moody — retrucou o diretor Hudson.

E, com isto, a cantina voltou a mergulhar no caos.



A luta de comida ficaria certamente na história como a melhor partida de King's Garden de todos os tempos. Quando tocou a campainha para assinalar o fim do almoço, toda a divisão parecia ter sido invadida por extraterrestres que se alimentavam de comida.

A declaração de guerra do professor Hudson abriu realmente as comportas.

Quando tudo acalmou e a última batata frita encharcada de *ketchup* foi atirada, o único castigo foi limpar aquilo tudo enquanto os professores ficavam à margem e davam ordens. Não era exatamente justo, tendo em conta que eles também fizeram parte da confusão, mas acho que todos concordámos que valeu a pena.

Infelizmente, havia o resto do dia de escola entre nós e um verão de liberdade. A minha última aula de História do ano foi ainda mais miserável pelo facto de não me poder recostar na cadeira, agora que a poça de leite-creme tinha secado na camisa, tornando-a nojenta e pegajosa. Mas os mexericos sobre o verão que se avizinhava conseguiram distrair-me.

Já corriam rumores sobre o que poderíamos esperar da festa de aniversário da Tamera, no fim de julho. Eu e o Lucas guardávamos a maior parte do tempo para nós, mas a Tamera era minha colega de carteira em Inglês, o que nos garantiu um convite. Ela seria a última de nós a fazer 12 anos, mas quase de certeza que o faria com mais extravagância do que qualquer outra pessoa. As primeiras apostas eram de que íamos andar a cavalo ou de que ia haver um castelo insuflável, mas eu achei que a minha sugestão de uma descida de paraquedas devia ter sido levada mais a sério. Tudo o que toda a gente sabia, *com certeza*, era que se tratava de algo que não se podia perder.

— Ouvi dizer que o pai da Tamera lhe comprou uma piscina insuflável para o verão — sussurrou o Lucas, com ar sonhador, atrás da mochila, que assim usava para não ser apanhado a dormir a sesta enquanto passava um documentário sobre os Tudors. — Podemos fazer festas na piscina todos os fins de semana até setembro.

— Ouvi dizer que ela também vai organizar um acampamento noturno de verão no jardim da casa dela — sussurrei, recordando a conversa nos banheiros das raparigas antes da aula de Educação Física, na semana anterior.

Se todas as afirmações da Tamera eram verdadeiras, essa era outra questão, mas era muito mais divertido pensar nas suas histórias do que num homem com seis mulheres. Não era só o Lucas que estava a lutar contra a vontade de dormir a sesta — à medida que o documentário avançava, metade da turma parecia estar a usar a secretária como almofada.

— Podemos ir a um parque de diversões — sugeri eu, a lutar contra um bocejo e a pedir ao relógio que se despachasse, enquanto passavam os últimos minutos.

— E ao parque ao lado do jardim zoológico!

O Lucas já estava meio fora da cadeira, tal como o resto da turma.

Três...

— Piqueniques! — quase gritei de alegria.

Dois...

— Festas do pijama! — acrescentou o Lucas.

Um...

— Um verão inteiro de liberdade! — declarei, já sem fôlego, tal era o entusiasmo.

Houve uma breve pausa, um silêncio carregado de expectativa.

E depois, finalmente...

TRRIIIM!!!!

Foi como se toda a gente soltasse o ar ao mesmo tempo, a saltar das cadeiras, alguns até a pôr-se em cima delas para celebrar. Uma onda de barulho começou a partir do outro lado da escola e vinha na nossa direção. Houve aplausos e eu senti-os a crescer dentro de mim até mal conseguir parar de andar aos saltinhos. Até os professores pareciam aliviados.

— O nosso verão espera-nos! — berrou o Lucas. — Seis semanas sem escola, sem professores, sem trabalhos de casa. Só nós, o Sol e mais diversão do que conseguimos imaginar.

Um sorriso pateta espalhou-se-me pela cara. Mal podia acreditar que o ano letivo tinha acabado. Quando voltássemos, em setembro, já não íamos ser os miúdos novos. Mas, até lá, tínhamos um verão inteiro pela frente e nem sequer uma camisa manchada de leite-creme me podia diminuir o entusiasmo. Nada se ia meter no nosso caminho.



UMA HISTÓRIA DOCE QUE CELEBRA A VIDA, A FAMÍLIA E OS AMIGOS.

O ano passado, a Bea, a Riley e os pais tiveram o melhor dia de SEMPRE. Mas agora, tudo mudou, e uma nuvem cinzenta paira sobre a família. Elas são obrigadas a ir viver para o campo, para casa da avó, e a Bea só pensa em trazer a alegria de volta, especialmente para a irmã, a Riley.

Só que há alguém na vila decidido a impedir que isso aconteça. E a Bea sabe que só conseguirá trazer a cor de volta à vida da sua família, se TODOS se unirem para ajudar.

*Um livro emocionante sobre como
a união faz a força.*


LÊ TAMBÉM:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

 penguinlivros.pt

 penguinkidspt

10+

ISBN 9789897872624



9 789897 872624 >

